

---

## **Em São Paulo, Deus é uma nota de cem: Simbolismos, consumo e significados no rap e no hip-hop dos Racionais MC'S**

Danillo Ribeiro Dos Santos  
Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

### **RESUMO**

Esse estudo busca apresentar características que diferenciam o *rap* como fenômeno musical e o *hip-hop* como movimento cultural, e, a partir dessas características, tensionar reflexões sobre a atualidade dos dois fenômenos, sob a luz de teorias da comunicação. Para esse exercício, realizamos uma contextualização do movimento *hip-hop* e do *rap* de modo introdutório amparado pela história dos Racionais MC'S, também mobilizamos instrumentos teóricos que dialogam e contribuem com a reflexão, assim como análises sobre a atualidade do *rap* como ferramenta musical e integrante da cultura *hip-hop*.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Racionais MC'S; Comunicação; Sociedade; Rap; Hip-Hop; Música.

### **INTRODUÇÃO**

O *hip-hop* é idealizado e concebido entre os anos de 1970 e 1980. Essa afirmação, apesar de temporalmente abrangente, não é genérica. As culturas urbanas ou subculturas como também são conhecidas, e seus respectivos movimentos, são frutos da cultura: e a cultura é ativa, se faz pelo movimento, pelo intercâmbio de múltiplos agentes, cada um com seus conhecimentos, origens, modos de consumo, criação e recepção.

É preciso observar o contexto cultural não apenas daquele lugar, mas as ideias dos agentes que estavam naquele lugar, de modo biográfico e investigativo. Os Estados Unidos da América é o berço, a manjedoura do *hip-hop*, movimento político-cultural que toma forma durante os anos 70 em grandes cidades daquele país. Os adolescentes e jovens adultos dos anos 1970 são as crianças da década de 1960, década marcada pelo debate político a respeito dos direitos civis.

Muhammad Ali, boxeador, foi campeão mundial na categoria dos pesos-pesados. Sam Cooke, cantor de *soul-music*, foi um dos mais expoentes cantores da década. Martin Luther King, ativista e advogado, foi nome de grande relevância na luta pelos

---

direitos civis da comunidade negra estadunidense. Malcolm X, ativista, foi um dos maiores pensadores críticos sobre raça naquele momento (e que inclusive tem seu pensamento como base dos membros da comunidade hip-hop).

Esses citados, foram as primeiras referências de "sucesso" para as comunidades negras norte-americanas de modo massivo. Logo, nos anos de 1970, há uma grande quantidade de jovens que começam a buscar algo mais que a sobrevivência. Grandes expoentes negros foram brutalmente assassinados ou presos injustamente. O *disco-music* se apresenta como uma música jovem das boates, mas que não chegava aos guetos. A imagem de champanhe, luzes e casacos de pele representavam Nova York para o mundo, mas não para os moradores do Bronx, bairro majoritariamente negro de Nova York.

Vale destacar que o que aqui é caracterizado como gueto, apesar de muitas vezes usado com o mesmo significado, não se reflete sinonimamente ao termo periferia na América do Sul. Gueto é uma região onde vivem grupos minoritários em que ali residem muitas vezes por pressões econômicas e/ou sociais.

<sup>1</sup>O bairro era alvo de especulação imobiliária por proprietários que viram seus imóveis se desvalorizarem pelo projeto de infra-estrutura urbana e preferiam deixar seus imóveis em mau estado de conservação ao reformar já que o valor investido não seria possível de ser repassado aos inquilinos ou mesmo incendiá-los para receber o valor das apólices dos seguros residenciais. Há então um efeito de causa e consequência com a turbulência política e social do momento. Com menos condições financeiras, as comunidades se aglutinam pela sobrevivência de modo solidário e também violento. Surgem gangues que se organizam mutuamente em comunidades que buscam defender seus territórios, membros e interesses.

É nesse cenário que Clive Campbell, nascido na Jamaica e residente de Nova York, propõe uma festa para integração dos moradores do bairro. A festa inova ao trazer a temática das festas que Clive viveu na Jamaica: dança, soundsystem (sistemas de som), intervenção do seletor no meio das músicas agradecendo aos colaboradores da festa e recados ao vivo para quem dançava no salão. As festas do Bronx começam a abrigar os membros dos bairros menos abastados, inclusive das gangues. Clive

---

<sup>1</sup> O termo gueto originariamente se refere a áreas de cidades europeias em que os judeus viviam ou eram forçados a viver, posteriormente passou a ser aplicado às áreas onde qualquer grupo minoritário é forçado a viver devido a pressão social e econômica.

---

Campbell adota o nome de DJ Kool Herc e suas festas são marcadas pela música que faz as pessoas dançarem mais e brigarem menos. O DJ percebe que nesses momentos de dança o público se integra mais, especialmente no momento do "break", momento em que o DJ isola a parte instrumental do disco e fazem passos coordenados de modo sincrônico. O DJ é uma figura central nos bailes, são eles que fazem a seleção e organizam a dinâmica da festa que é figura elementar do hip-hop.

Coke La Rock é outra figura elementar desse momento. Um agitador cultural com domínio do microfone, um mestre de cerimônia, mais conhecido como MC. Ele era um articulador nas festas de Kool Herc. A partir daí, foi possível encontros mais pacíficos entre os membros de gangues rivais. A junção MC e DJ foi imediata (nesse contexto norte americano) e ali está de forma indireta, uma proposta de pacificidade e integração da comunidade.

Afrika Bambaataa é outro grande contribuinte dessa formação do movimento cultural. Orientado por uma filosofia pan-africanista, Bambaataa trouxe senso de integração além da festa proposta por Kool Herc, ele lidera uma gangue, "Black Spades" , que depois se torna a "Zulu Nation" um coletivo totalmente dedicado ao conhecimento ancestral e emancipação política de seus membros. Essa integração direciona grande parte do público incluindo as gangues a uma direção política.

"Quando nós criamos o hip-hop, o fizemos esperando que seria em função da paz, do amor, união e diversão e que as pessoas se afastassem da negatividade que estava contaminando nossas ruas [...]. Embora esta negatividade ainda aconteça aqui e ali, à medida que a cultura cresce, nós desempenhamos um grande papel na resolução de conflitos e no cumprimento da positividade. (BAMBAATAA apud LEAL, 2007: 26 e 27).

Por fim, completando os chamados "Alicerces da cultura", o DJ Grandmaster Flash. Se os *MCs* já anunciavam as atrações, serviços prestados por moradores do bairro (especialmente em comunidades mais pobres ), é com a música ininterrupta que a festa se torna completa.

Grandmaster Flash é o pioneiro na performance de toca-discos que vai estruturar a música do hip-hop do modo artístico musical predominante.

---

"A ideia foi usar dois discos iguais nos toca-discos. Não apenas uma faixa que mudava para outra música como nas festas dos bailes. Eu fiz um sacrilégio: pus a mão nos discos e aí a partir do break eu segurava... e soltava, ia para o outro disco e voltava e voltava e ia para o outro disco e voltava e soltava, pronto. Looping".<sup>2</sup>

A festa se torna o ponto de encontro dos consumidores da música *funk*, *disco-music* e *house*. As festas são encontros de produtores de música e consumidores das performances ao vivo. Logo a partir da condução do *DJ*, se aproximam dançarinos que também se adaptam e criam novos passos e coreografias. Os dançarinos de *break* (que dançavam no momento do *breaking* do *DJ*). Assim surgem disputas de grupos e individuais a depender de seus bairros ou comunidades, são os *b-boys* e *b-girls*.

As festas se expandem através do boca a boca, jovens que cometiam pequenos delitos, sem oportunidades de emprego e que denunciavam suas insatisfações com as mazelas das comunidades se ingressam a essas festas pelos mais diversos interesses que vão desde criar alianças de grupos de seus territórios, mulheres ou drogas, agora se juntam a dinâmica de comunidade e transformam a rebeldia usando latas de spray em ferramenta para denunciar as injustiças sociais e propagar as ideias solidárias e integradoras do *hip-hop*. O *grafitti* é incorporado à cultura.

O *hip-hop* é formado então por quatro elementos performáticos (*DJ*, *MC*, *Breaking* e *Grafitti*) (HOBSEAWM,2009). Um quinto elemento que serve como base nas estruturas já citadas: Consciência ou Atitude.

O elemento de consciência ou atitude é menos celebrativo, apesar de também o ser. É característica intrínseca ao sujeito que consome um ou mais elementos citados e, por isso, passível de cobrança. A atitude, a consciência é necessária ao *DJ* quando performa seu *setlist* em festas, na dança do *B-Boy* e *B-Girl* que se apresenta, no trabalho artístico da grafiteira ou grafiteiro e principalmente, no discurso do *MC* através de sua poesia. É nesse contexto que o movimento se estabelece, com essas intersecções políticas e artísticas que o *hip-hop* é concebido, estruturado e transformado em música.

É preciso fazer essa distinção, ainda que brevemente com a introdução histórica e resumida, para mais facilmente, distinguirmos o *rap* ouvido pelo sujeito consumidor do estilo de vida *hip-hop* e o sujeito consumidor do rap que não é integrado a cultura *hip-hop* (que não performa algum dos quatro elementos) pois, apesar de

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80141782> . Acesso em: 15 de Out. 2021.

---

consumirem/ouvirem músicas do mesmo gênero, terão poucas similaridades em sua recepção e produção em seu mundo. Ao ouvinte de *rap* que não integra o *hip-hop*, pode ele ter os toca-discos e ser *DJ*, pode ele ter microfone, escrever boas poesias e ser *MC*, pode ele ser um exímio artista com latas de spray na mão e ser grafiteiro, pode ele ser até um notável dançarino e performista dos passos de *break*, mas lhe falta o quinto elemento, lhe falta a atitude ou a consciência, logo este não será integrante do *hip-hop*.

Cabe ressaltar que as denúncias feitas a partir da atitude/consciência são abordadas há décadas, sobre mazelas muito atuais.

Esse é um dos principais pontos para contrapor a ideia por vezes trazida de que os tempos mudaram e o "hip-hop precisa evoluir". A cultura, viva e ativa por agentes políticos não vivem em militância a todo momento, mas enxergam o *rap* dentro do *hip-hop* como uma ferramenta de mudança social, e não apenas como música de entretenimento.

A criação do Hip-Hop constituiu uma resposta a violência urbana a qual as populações afro-descendentes e hispânicas foram submetidas com as transformações urbanas das cidades das décadas anteriores. (MOASSAB, 2008: 48).

Esse pensamento não é exclusivo dos criadores norte-americanos. No Brasil, há grupos de rap que emergiram e se mantêm na cultura *hip-hop*, dentre estes, analisaremos o mais longo grupo de rap brasileiro, Os Racionais MCS.

## DESENVOLVIMENTO

No Brasil, o *rap* chega em meados de 1980. Sua circulação se dá em regiões centrais da cidade de São Paulo, feita por diversos agentes culturais. Muitos desses agentes não residem na área central, mas nas periferias, em áreas marginalizadas da cidade.

Da zona sul da cidade, dos bairros Capão Redondo e Vaz de Lima são Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown - em referência a James Brown (o lendário cantor de soul-music) e Paulo Eduardo Salvador, o Ice Blue, apelidado pela música "Nego Blue" de Jorge Ben Jor.

---

Da zona norte da cidade, do bairro do Vila Mazzei estão Edivaldo Pereira Alves, apelidado Edi Rock e Kleber Geraldo Lelis Simões, apelidado KL Jay que formaram uma dupla no momento em que o rap ainda não era formatado como um gênero musical. A cultura local era a das chamadas “equipes de bailes”, em que os *djs* promoviam festas juntos com os mestres de cerimônia. O evento era uma festa em que as atrações eram os *djs* e cada um tocava por um período de tempo e revezavam entre si, os mestres de cerimônia ditavam o ritmo da festa nas periferias e na capital paulista.

As duplas se tornam um grupo em pouco mais de um ano e parte das reuniões são feitas na região do centro devido o distanciamento entre os extremos norte e sul da cidade. O nome do grupo tem como referência um disco que havia sido lançado 13 anos antes: Tim Maia Racional Vol.1, como referência à necessidade de exercer o pensamento crítico. Vale destacar que desde seu início, a iniciativa tinha uma ideologia muito ligada aos princípios do *hip-hop* e à uma consciência política não muito comum no movimento naquele período. Em um momento que o grupo busca denunciar os abusos da violência policial e a omissão do Estado que não fornece políticas públicas dignas a comunidade periférica, a dificuldade está em fazer o público se reconhecer em suas músicas.

O *rap* como música é um gênero musical que não necessariamente é político: Seria um erro flagrante limitar tal manifestação artística aos anseios da militância política. Todavia, é seguro afirmar que os membros dos Racionais MC'S desde seu início se preocuparam com o ethos político da atividade.

Ice Blue: É além de música, é uma militância. Ali a gente tinha uma causa, uma causa de favela, uma causa de negritude, uma causa além de música, a gente se tornou um grupo de música de uns 10 anos pra cá, 5 anos pra cá. Ai a gente pode falar que somos músico, a gente vive como músico...<sup>3</sup>

A formação política do grupo se fez nas reuniões ocorridas no Geledés - da Mulher Negra, organização criada com o intuito de estimular estratégias para dar visibilidade aos problemas raciais do Brasil. Dentre integrantes da organização estão

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0eEC42Lotfg&t=8605s> . Acesso em 13 de Jun. 2023.

---

notáveis brasileiras ativistas como Maria Lucia da Silva, Edna Roland, Sueli Carneiro, Solimar Carneiro, Nilza Iraci, Ana Lucia Xavier Teixeira.

O grupo então foi diretamente influenciado pelas referências trazidas pelos encontros e palestras do Instituto Geledés. Milton Santos que é outro agente essencial na história do grupo tinha a prática de ler as letras escritas pelos integrantes e quando algo ao seu crivo não era interessante, era contestado. A leitura política de intelectuais negros foi essencial para Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay adotarem discursos políticos direcionados as periferias, onde se encontrava naquele momento um extrato social estigmatizado e composto pela miséria da população negra.

Ao longo dos seus 35 anos de atividade, os Racionais MC'S são o grupo de maior reconhecimento pelos integrantes da cultura *hip-hop* e ouvintes de *rap* não pertencentes à cultura/movimento.

A discografia conta com dois eps, (*extended play*), quatro álbuns de estúdio e dois álbuns ao vivo, ao longo de sua trajetória, o trabalho do grupo conquistou diversos públicos além daquele que inicialmente era o objetivo do grupo. A partir de agora, iremos incorporar a essa análise, instrumentos teóricos que embasam uma leitura sociológica e comunicacional do rap e seu consumo no Brasil, tendo Racionais MCS como plano de fundo dessa análise.

No Brasil, o *hip-hop* foi rapidamente se tornou "uma produção política e cultural dos guetos, nas periferias e das favelas" (SOUZA e RODRIGUES, 2004: 101-102).

O primeiro disco do gênero foi lançado em 1988 sob o título "Hip-Hop Cultura de Rua", pela gravadora Eldorada com produção de André Jung e Nasi, ambos do Ira!, banda de rock paulistana. Este álbum tem faixas de DJ Ninja, Mc Jack, Código 13, Thaide e DJ Hum e outros. As músicas do disco refletem a cultura do *hip-hop* estadunidense de modo parcial nas batidas, na abordagem discursiva e lírica, mas com singularidades muito peculiares do contexto social e cultural paulistano.

... é evidente que os bens têm outros usos: também estabelecem relações sociais. (Douglas, Mary; Isherwood, Baron, 2006: 105).

Apesar de ser uma coletânea, o disco teve repercussão positiva e o grupo começou a integrar os lugares onde a cultura se desenvolvia através de festas, bailes e

---

rádios. Associada a essa movimentação, a música inicia um processo transitório do centro para a periferia e da periferia para o centro.

O cotidiano abordado é comum aos sujeitos que vivem em regiões marginalizadas e em condições insalubres. Mas o gênero e a cultura são ainda um nicho. A partir dali em pouco tempo uma nova coletânea é lançada, *Consciência Black, Vol I.*, um disco com circulação mais abrangente que seu antecessor, o motivo mais evidente se dá pela faixa "Pânico Na Zona Sul" dos Racionais MC'S. A música denuncia a abordagem policial e a violência em um dos bairros que chegou a ser conhecido como: o bairro mais violento do mundo.

A música do grupo se torna grande expoente do gênero *rap* em São Paulo. O público cresce exponencialmente após cada apresentação nas periferias da cidade. Nesse momento o público do grupo é formado por pessoas não apenas do movimento *hip-hop*, mas em grande medida por periféricos de pouca escolaridade e renda.

Alguns anos depois com o avanço da tecnologia e a chegada da MTV, o gênero *rap* é deslocado do movimento *hip-hop*. A demanda e oferta pelos vídeos como principal forma de divulgação acaba por deixar o *rap* como um gênero com ramificações e aquele mais ligado aos elementos do *hip-hop* é chamado de "rap consciente" ou "rap de mensagem" pelo teor reflexivo e de denúncia em suas músicas.

Essa forma de consumir a música foi o fator comunicacional e tecnológico que mudou o modo de se fazer música.

O consumo é a própria arena em que a cultura é objeto de lutas que lhe conferem forma. (Douglas, Mary; Isherwood, Baron, 2006: 103).

O espaço midiático que o *rap* desvinculado da cultura/movimento *hip-hop* ganhou foi para muitos o primeiro contato com o gênero, que também recebeu uma alcunha nova, o rap comercial.

Enquanto nos início dos anos de 1980 nos EUA e fim dessa década no Brasil o gênero musical do "gangsta" atrelado a figura do gângster, ou aquele que convive em ambiente cercado de criminalidade, serviu a demanda de um consumo que se inspirou em Snoop Dogg, Ice Cube e Queen Latifah e se tornou produto midiático de Eminem,



---

Jay-Z e 50 Cent. Através da MTV, essa reformulação do gênero se tornou o referencial brasileiro de rap para a geração de classe média nascida a partir dos anos de 1990.

Apesar de adentrar a grande mídia, o tensionamento se realiza de modo conflitivo nos espaços midiáticos, não pela falta de espaços, mas onde algumas propostas ideológicas não cabiam. Os Racionais MC.S que em 1995 é um dos principais nomes do *rap* nacional adota a postura de recusar sucessivos convites em grandes meios midiáticos, sejam eles no rádio ou televisão. As entrevistas cedidas pelo grupo aconteceram em ambientes escolhidos de forma criteriosa como a TV Cultura, a rádio 105 FM e a revista PodCrê, espaços em que agentes da cultura hip-hop integravam os editoriais.

Tal posicionamento não inibe os novos consumidores, que, ao seu modo consomem e adotam o *rap* ao seu repertório musical, o que traz a vantagem de maior abrangência ao público e a desvantagem de noções puramente comerciais do gênero ao apelo consumista, sexista e individualista.

Entre vantagens e desvantagens, cabe salientar uma desvantagem importante, o preconceito ao *rap* se torna maior quando o gênero em seu modo comercial passa a exibir em seus videoclipes um uso exagerado (ou mesmo indevido) de armas, dinheiro, mulheres seminuas que contribuem ao olhar conservador e racista em grande medida se tornar um discurso natural.

Essa reação do público perante ao gênero, chama a atenção de um novo grupo ainda pouco íntimo ao *hip-hop*: os acadêmicos. É nesse momento que estudantes se propõem a estudar o *hip-hop* como um movimento cultural. Na década de 1990 as ciências humanas, com grande destaque a sociologia e a história se debruçam a pesquisas que olham o *hip-hop* e o *rap* por diversas óticas que vão desde a historiografia, os contextos culturais, as formas de comunicação e seus modos de produção e recepção. A partir das musicas "Panico na Zona Sul" (1990), "Negro Limitado" (1992) e "Homem na Estrada" (1993) o grupo alcança o reconhecimento além dá capital.

Mano Brown: Aí eu consegui entrar no coração do brasileiro, entendeu? na alma do brasileiro. Como que você vai falar de negro e branco e pobre e rico pra um brasileiro? Ele não é do Bronx, ele não nasceu com um

---

banheiro escrito, "não entra preto e entra branco", entendeu? É outra visão, tá ligado? Outra sensibilidade, tá ligado?<sup>4</sup>

Em pouco tempo os shows do Racionais começam a atrair diversos públicos, a frase: "Não confio na polícia, raça do caralho" de "Homem na Estrada" é o ápice dos shows do grupo que começam a ter máxima lotação em suas apresentações. Em uma apresentação do grupo no Vale do Anhangabaú, a polícia decide levar o grupo à delegacia após a frase já esperada pelo público e cantada pelo grupo.

Ice Blue: Quem é o responsável por isso aqui? Quem é o polícia que tá no comando? Ó o pobrema que cê me trouxe pa minha delegacia, têm três advogado, um senador, dois deputado e o prefeito me ligando. Foi aí que o Racionais mostrou força.<sup>5</sup>

A partir daí o grupo começa a ir para fora do Estado de São Paulo, sendo ouvido e consumido pela periferia de outros estados. A mensagem do *hip-hop* através do rap dos Racionais MCS é ouvida por políticos, acadêmicos, presidiários, periféricos e pessoas mais abastadas, os chamados "playboys".

O disco "Sobrevivendo no Inferno" de 1997 é lançado em um momento em que o *rap* se tornava um dos gêneros musicais mais ouvidos do mundo e as distinções entre o gênero musical e o movimento cultural são mais estabelecidas, porém com público menos uniforme nos eventos musicais. Prova disso é a agenda de dois a três shows por dia aos fins de semana e o sucesso de "Diário de Um Detento". A música foi lançada em 1997 com referência ao episódio conhecido do Massacre do Carandiru e em 1998 o grupo ganhou o prêmio Escolha da Audiência. Vale destacar que a audiência votava pela internet e telefone, itens que não eram de grande popularidade nas periferias, alguns estudiosos e pesquisadores comentam que essa informação é de se considerar: "Quem deu esse prêmio aos Racionais não foram as periferias, foram os boy" e o grupo passa a ser influente em outros territórios.

A cultura evolui e as pessoas desempenham um papel nessa mudança. (Douglas, Mary; Isherwood, Baron, 2006: 103).

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81082516l> . Acesso em: 15 de Jun. de 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81082516l> . Acesso em: 15 de Jun. de 2023.

---

A partir do retorno da premiação da MTV, o grupo inicia uma parceria com alguns artistas que estão em privação de liberdade. O *rapper* Dexter têm seu disco junto ao seu companheiro de cela, Afro X produzido totalmente pelos Racionais MC'S e outros profissionais da área. A dupla era conhecida como Linha de Frente e foi promovida por Edi Rock e Mano Brown (Racionais MC'S), DJ Hum (parceiro de Thaíde e MV Bill). O apoio da "Madrinha dos Presos", a atriz Sophia Bisilliat, idealizadora do projeto "Talentos Aprisionados" junto ao Estado de São Paulo possibilitou o lançamento do 509-E. No Rio de Janeiro, os Racionais MC'S integraram um projeto que hoje é conhecido mundialmente no apoio com educação e alimentação nas favelas de diversas cidades do país, a CUFA.

O movimento *hip-hop* é potencializador nos âmbitos de consciência e atitude, não à toa, é lembrado em oportunidades de associação com MST ou em pontos de cultura. (Os Pontos de Cultura foram parte do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura. Eram responsáveis por articular e impulsionar as ações que já existiam nas comunidades de modo flexível. Por atender necessidades locais, não tinham programação pré estabelecida e sua gestão era compartilhada entre poder público e comunidade).

Em 2003, o presidente Lula em seu primeiro mandato convocou uma reunião com diversos artistas de rap a partir de uma solicitação do *rapper* e ativista MV Bill, entre presentes de diversos movimentos organizados do cenário nacional como Nega Gizza (Rapper e produtora cultural), Celso Athayde (Escritor e fundador da CUFA), GOG (Poeta e *rapper*). A intenção era discutir maneiras do *hip-hop* ser mais valorizado a ponto de participar de processos políticos no país.

Desse encontro surgiram quatro propostas: (1) formação e legitimação de uma comissão (grupo de trabalho) que dialogasse diretamente com a Presidência da República; (2) formação de grupos de desenvolvimento do hip-hop (ações sociais e culturais) nas 27 capitais brasileiras; (3) liberação de espaços públicos ociosos que servissem como base para o trabalho dos grupos; (4) criação de um Fundo Nacional para apoio e patrocínio a projetos do hip hop de periferia. (MOASSAB, 2008: 48).

Em contrapartida, os shows dos Racionais se tornaram cada vez menos amistosos e mais violentos. A repressão policial aumentou vertiginosamente. Um marco

---

negativo foram as sucessivas troca de tiros interrompendo shows e o conflito entre público e policiamento. Em um show em Restinga-RS, um jovem foi assassinado enquanto o grupo se apresentava em Jundiaí-SP: algo semelhante acontece, dessa vez, em um tiroteio entre público e policiais. Os shows se tornaram perigosos e o grupo se mostra insatisfeito com os rótulos acerca da criminalidade e marginalidade.

Mano Brown: Foi ao que eu percebi que aquele disco tava tipo um disco de exorcismo quando cantava aquelas músicas, nos shows e repetia aquelas palavras, de novo, sempre, todo mundo junto, o clima era o pior possível. Eu não gostava, cantava as música com má vontade, já não sentia aquela paixão pelo bang, entendeu? A gente vem do povo espiritualista né meu? Aquelas músicas falava de piscina de sangue, ouvir isso aí toda hora, toda hora dentro de casa, num lugar pra você se divertir, pelo amor de Deus ta ligado mano? É perigoso, tinha que mudar, eu acredito na força das palavras.<sup>6</sup>

Mano Brown: Vou te falar que o disco que mais afastou a gente da favela foi o "Sobrevivendo no Inferno", O povo da faculdade que amou aquilo lá, e aí percebi e tive que usar da estratégia. Falei pros caras, vamos sair de cena, que o bagulho tá tudo errado, ta defasado".<sup>7</sup>

Ice Blue: Um dia o Brown falou, quantos show têm? Para, vamo fazer esses e parar por tempo indeterminado.<sup>8</sup>

Mano Brown: O que eu tô dizendo não serve de porra nenhuma, então não estou sendo útil de porra nenhuma!<sup>9</sup>

Com um traço consoante aos princípios do *hip-hop*, a consciência e a atitude do *rapper* o induz a identificar que naquele momento, apesar do auge, foi também o pior momento para os Racionais MC'S. Segundo eles do grupo, a ação de “retirada por tempo indeterminado” foi estratégica. Vale destacar a leitura do comportamento de consumo do *rap* no início dos anos 2000. Na produção, o *rap* era segmentado em vertentes. A política como já apresentado pelo *rap* de mensagem ou *rap* consciente, musicais como *hardcore-rap* feito por grupos como Beastie Boy e Rage Against The Machine, *jazz-rap* por Outkast e De La Soul.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81082516l> . Acesso em: 15 de Jun. de 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81082516l> . Acesso em: 15 de Jun. de 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81082516l> . Acesso em: 15 de Jun. de 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81082516l> . Acesso em: 15 de Jun. de 2023.

---

No Brasil se destacam os *raps* comerciais feitos por “Dogão” (que chegou às paradas do programa Disk MTV) e o *rap-comedy* sem tradução literal como é o caso de Jesus Negão - música que usa da sátira com a música Capítulo 4, Versículo 3 dos Racionais MC'S:

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais  
Já sofreram violência policial  
A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras  
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros  
A cada 4 horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo  
(Racionais MC'S - Capítulo 4, Versículo 3).

A cada 39% dos nêgo que nascem nessa cidade são pretos.  
4% dos 7% dos nêgo que estudam nas faculdade são preto.  
A cada 2 crianças que nascem nêga, uma morre preta.  
80% dos nêgo preto morrem queimado nêgo.  
(Liberia O Badaró - Jesus Negão).

A sátira sobre a denúncia do racismo na música de referência é elemento central da obra. Após as características trazidas com detalhes sobre *rap* e *hip-Hop*, a pergunta que fazemos é: Há algo mais contraditório na música *rap* que esse tipo de trabalho? A partir daí os integrantes dos Racionais MC'S passaram a se dedicar a outras atividades nas periferias de São Paulo e Rio de Janeiro, acompanhando as produções do grupo 509-E em situação de privação de liberdade, Sabotage e MV Bill, além do apoio a CUFA (Central Única das Favelas) e aos times de futebol de várzea do Capão Redondo.

Em outubro de 2002 o grupo retoma as atividades com o disco "Nada Como Um Dia Após o Outro Dia" O disco é lançado em formatos de vinil (quádruplo) e cd (duplo), ambos esgotados e atualmente em plataformas digitais como Deezer, Spotify e outras. A partir daí o grupo faz turnê e vai aos Estados Unidos da América e Japão. O mundo globalizado a partir dos anos 2000 integra consumidores desses universos (*hip-hop* e *rap*), de forma por vezes pacífica, por vezes conflitiva, mas harmônica.

A indústria musical é reconfigurada a partir da popularização dos instrumentos (principalmente através das políticas de liberação de crédito em países do sul global) e ferramentas auxiliares ao setor da música como iluminação, fotografia e cenografia. O público antes pacífico receptor agora também produz vídeos, resenhas, exposições e etc.

---

Em 2014, após 12 anos, os Racionais MC'S retornam ao estúdio e o resultado é o disco mais surpreendente do grupo. Cores e Valores possui 15 faixas num total de 32 minutos e 15 segundos, o público se mostrou dividido entre elogios e críticas. Parte delas direcionada em específico a faixa “Eu compro”, primeira faixa do grupo com protagonismo central de Ice Blue. Os elogios são de teor positivo ao consumo ser também uma conquista dos negros e o empoderamento ao poder de compra como emancipação real da raça negra. As críticas negativas entendem a música e o teor do álbum ser materialista e com inclinação a ostentação, que a essa altura é marcada especialmente na vertente funk-ostentação.

As leituras sociais feitas pelos integrantes de uma cultura e/ou gênero mudaram de acordo com as mudanças sociais, políticas e econômicas ao longo da história. Se tratando de uma cultura vinda de bases pobres e radicalizadas, por menores que sejam as mudanças, resultarão em grandes tensões e deslocamentos dos agentes pertencentes a estes grupos.

Em fevereiro de 2023, Ice Blue indicou que os Racionais MC'S irão cumprir agenda até o meio do ano e até o fim do ano e finalizar detalhes para o lançamento do novo disco do grupo, e seus consumidores inseridos no movimento ou não, seguem aguardando.

### CONCLUSÃO

Em 11 de Agosto de 2023, o *Hip-hop* completou meio século.

Na cabeça dos mais otimistas, o *hip-hop* não levaria seus elementos aos patamares atuais. *DJs* não se viam fazendo discos e convidando artistas como DJ Khaled (o artista faz uma série de beats e depois convida músicos que acredita que seriam boas parcerias, dentro e fora do *rap*). *B-boys* e *B-Girls* não pensavam em participar de festivais próprios e criarem suas próprias companhias musicais. Grafiteiros não cogitavam ter suas expressões artísticas e majoritariamente ilegais dentro de museus e galerias de arte pelo mundo afora. *Rappers* não imaginavam ver suas músicas ganhando premiações como Grammy (Jay-Z, Kendrick Lamar e Beyoncé), Oscar (Eminem) e outras premiações.

As pessoas criadas numa cultura particular a vêem mudar durante suas vidas: novas palavras, novas ideias e maneiras. (Douglas, Mary; Isherwood, Baron, 2006: 102).

O *hip-hop*, apesar de cooptado pela indústria, mantém valores intrínsecos ao seu gênese: A emancipação dos indivíduos através de seu consumo, seja material ou simbólico. Através das últimas décadas, as mudanças tecnológicas trouxeram inovações nas ferramentas de execução da arte urbana na dança e na música. Lembra Emicida:

"Pulando catraca na central, o rap salvou mais moleque que qualquer projeto social ... Por minha gente na corrida, pois meu maior cachê ainda é ouvir, Tio, essa rima é minha vida". (Emicida - Isso não pode se perder).

Após 50 anos, ouvintes e amantes da cultura entendem em certo ponto seus protagonismos. Houveram aqueles que mudaram dos toca discos para a equipamentos que dispensam o vinil, atualmente a quantidade de artistas que usam de efeitos para "manobrar" sua voz através do auto-tune são incontáveis.

Embora no presente focalize os procedimentos de interpretação, para seu desenvolvimento futuro essa abordagem certamente precisará voltar-se para a análise cultural. Pois a cultura é um padrão possível de significados herdados do passado imediato, um abrigo para as necessidades interpretativas do presente. (Douglas, Mary; Isherwood, Baron, 2006: 111).

Essas mudanças são componentes do movimento que olha o passado com pés no presente e visando um futuro incerto, composto por pessoas fundamentadas em valores coletivos e por pessoas com anseios individuais. Não há possibilidade de imaginar o que virá, a subjetividade é norteador humano, contudo, o *hip-hop* e o *rap* segue, com seus elementos e agentes produtores e receptores que se adaptam às transformações.

Na batida do *DJ*, no muro do grafiteiro, na dança do *b-boy*, na voz do *mc* que sejam feitas escolhas ... racionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HOBBSAWN, E. **A história social do Jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
2. MOASSAB, ANDRÉIA. **Brasil Periferia(s) - A comunicação insurgente do Hip-Hop**. São Paulo, 2008.

- 
3. SOUZA, Marcelo; RODRIGUES, Glauco. **Planejamento Urbano e Ativismos Sociais**. São Paulo: Unesp, (2004).
  4. DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens - Para Uma Antropologia do Consumo**. Rio De Janeiro: UFRJ, 2006.